

**O SILÊNCIO DA MULHER PELO SISTEMA PATRIARCAL E O GRITO
LIBERTADOR NA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA: ANÁLISE A PARTIR DO
CONTO *AMOR* DE CLARICE LISPECTOR**

CESÁRIO, Mariana de Melo¹
FRAITAG, Katia²

RESUMO

A repressão à mulher no decorrer da história em diversas sociedades afastou a mesma de diferentes áreas sociais, incluindo o campo da literatura, considerando que a literatura tem grande influência sobre a sociedade, e que em uma perspectiva histórica o espaço acadêmico ou da escrita literária foi reservado somente aos homens, conseqüentemente predominando o masculino entre os consagrados cânones literários. Com o alvorecer do século XIX, a mulher passa a ganhar maior liberdade para expressar seus sentimentos e pensamentos que durante séculos lhe foram privados. Na literatura brasileira não foi diferente, pois o espaço da mulher como autora foi cerceado do universo literário durante muito tempo. No entanto, na atualidade muitas escritoras de destaque têm ocupado lugar na literatura nacional, vale ressaltar a escritora Clarice Lispector que ganhou grande ênfase com suas obras. O conto *Amor*, que está centrado no livro *Laços de família* da escritora, foi escolhido para esta pesquisa como um reflexo da vida real por meio da personagem na ficção sobre os percalços do universo feminino em relação a repressão feminina.

Palavras-chaves: Literatura, Autoria. Feminina. Clarice Lispector.

ABSTRACT

The repression to woman during history in various societies moved away different social areas, including the field of literature, considering that literature has a big amount of influence on society, and in a historical perspective the academic space or the literary writing were reserved exclusively to men, consequently predominating the male gender between the consecrated literary canon. Over the 19th century, the woman began to achieve greater freedom by expressing their feelings and thoughts, which for centuries were deprived. In Brazilian literature, it wasn't any different, since women's space as an author was curtailed from the literary universe for a long time. However, nowadays many female writers have been occupying their place in national literature, to emphasize the writer Clarice Lispector that won highlights from many of her works. The short story *Love*, featured on the book *Family Ties* from the writer, was chosen to this research as a reflection of real life by means of the fictional character about the mishaps of the female universe in relation to the female repression.

Key words: Literature. Authorship. Feminine. Clarice Lispector.

¹ Acadêmica do Curso de Letras, AJES-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena. Mato Grosso, Brasil. E-mail: marianamelolettras01@hotmail.com.

² Orientadora, professora do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena – AJES. Mestra em Estudos Literários, especialista em Língua Portuguesa e especialista em Metodologia da educação de Jovens e adultos. Mato Grosso, Brasil. E-mail: Kátia_fraitag@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

No decorrer da história a mulher ficou afastada do contexto da literatura, não somente deste, mas em diversas outras áreas. A repressão durante milênios foi um grande atraso para a sociedade sobremaneira, tendo em vista que a repressão feminina, subjugação, inferiorização, afastaram a mesma de questões referentes a sua participação no desenvolvimento social, político, da cultura, da arte, literatura, entre outros, este afastamento pode ser percebido da ausência de registros na história, isto é, o homem e a mulher no sistema patriarcal cada vez mais sendo orientado para a diferença de gênero e atribuindo a cada um as suas funções e papéis, a mulher sendo limitada e o homem com mais poder e em boa parte do tempo a mulher esteve congelada a uma posição de inferioridade.

Esta realidade da ausência da mulher como autora na literatura começa a mudar na medida em que a mulher vai conquistando seu espaço em outras esferas sociais, sendo o início deste na Revolução Francesa que abriu as portas para um novo paradigma social, em que a mulher podia começar a buscar sua liberdade. Mas o espaço feminino ocorre de maneira muito tímida e lenta na literatura no decurso da história, assim, mundialmente falando somente a partir do século XIX começa a história da mulher na literatura como autora, diante de tantos desafios que impediam o acesso integral das mulheres à escrita, as mesmas superaram e ganharam espaço na literatura, vencendo obstáculos e limitações de grandes obras que eram silenciadas aos estereótipo de gêneros literários sendo vencidos, sobretudo pelo carácter de denúncia da submissão feminina a que muitas escritoras começaram suas obras.

O REFLEXO DA MULHER NA HISTÓRIA E NA LITERATURA

Segundo Júnior et al (2016), a mulher tem ganhado espaço cada vez mais em diferentes áreas humanas nos últimos tempos. A mulher passou por diferentes momentos no contexto histórico até garantir algumas conquistas, mas durante muitos séculos as mulheres foram reprimidas e obrigadas a serem apenas coadjuvantes na história da humanidade. Nem sempre a mulher foi concebida de maneira inferiorizada em relação ao homem mundialmente falando, embora na maioria das sociedades e em boa parte do tempo tenha sido assim, há indícios de sociedades e povos em que a mulher teve papel de destaque.

A pré-história identificada como a idade da pedra divide-se em dois períodos: o paleolítico e o neolítico, nesse período a mulher era a principal responsável pela procriação para exercia um grande poder, a estrutura familiar não era conhecida como nos dias atuais, a mulher pertencia a todos os homens, e eles pertenciam a todas as mulheres. A faixa etária de idade era desconhecida, e atividades cotidianas importantes eram de responsabilidade feminina. (ROCHA, 2009 p.42).

Para cozer alimentos era preciso desenvolver técnicas de louças e objetos que fossem resistentes ao fogo, e que de acordo com Rocha (2009, p.43), foram as mulheres que descobriram e desenvolveram essas técnicas, como também outras que propiciaram a conservação dos alimentos. Nessa época tudo era medido por forças e venciam os mais fortes - fisicamente falando, a força masculina protegia o grupo, no entanto, as mulheres mantinham o grupo com outras atividades que garantiam a sobrevivência. Ao observar que não eram fortes o bastante em algumas situações para lutar fisicamente, as mulheres negociavam proteção masculina. Sabiam que, sem essa proteção, elas e suas crias não sobreviveriam (ROCHA, 2009, p.43).

O surgimento da agricultura foi o marco do fim do período paleolítico e o início do neolítico. E nesse marco a mulher tem uma importância significativa, pois outrora quando os povos nômades migravam as mulheres ficavam sobrecarregadas com suas crias, e não podendo levar os utensílios para cozer de um lugar ao outro, restava-lhes fabricar tudo novamente, essas tarefas atribuíam muito trabalho para elas, assim, quando as mulheres começaram a desenvolver a agricultura os povos começaram a fixar-se mais em lugares e a organizar-se diferentemente, sobretudo na delimitação das terras. (ROCHA, 2009, p.43).

Para a autora, acredita-se que a agricultura também tenha sido uma invenção feminina, e ao homem cabiam outras funções, como por exemplo a caça, sendo assim, ausentava-se constantemente por períodos longos. Já a mulher nesta cultura ficava com a função de cuidar da cria e estar em contato constante com a produção e o preparo dos alimentos, desta feita, afirma-se que a mulher se empenhou em desenvolver técnicas que facilitariam o aditamento de suas atividades. (ROCHA, 2009 p. 44).

Rocha (2009) corrobora que com o surgimento da agricultura optou-se pelas comunidades permanecerem em um lugar e os homens foram abandonando a caça e participando da agricultura, onde passaram a preparar os terrenos e as mulheres a plantar e colher frutos. As atividades que necessitasse esforço físico que a mulher não conseguisse desempenhar eram destinadas ao homem e à mulher as demais atividades possibilitaram conquista de poder e autoridade feminina.

Na história das mulheres há uma longa lacuna de registros que confere um desafio aos historiadores, pois por muito tempo os homens que detiveram o poder e privilégio das letras pouco se dedicaram à escrita sobre a história das mulheres e seus feitos.

De acordo com Olivieri (2007, p.1), “sistemas matriarcais³ podem ter existido na Idade do Bronze (cerca de 3000 a.C. a 700 a.C.), em Micenas ou Creta”, no entanto o autor ressalta que na maioria dos povos (inclusive entre os mais antigos) de que se tem registro, a mulher a que se tem notícia tinha um espaço muito reduzido, sobretudo no campo das profissões e no campo político.

O homem e a mulher no sistema patriarcal foi sendo orientado para diferença de gênero feminino e masculino, atribuindo funções e papéis diferentes entre os sexos. A mulher sendo inferiorizada e limitada em diversas áreas, o que deu maior poder ao homem. No contexto histórico a mulher deveria corresponder às expectativas masculinas, primordialmente o papel de procriar, cuidar dos filhos, marido e afazeres domésticos, e ao homem caberia garantir proteção e sustento, em uma troca que primava numa relação em que a mulher deveria pertencer e obedecer ao homem.⁴

O homem neste sistema foi exaltado, adquirindo poder por meio do dinheiro, status, liberdade, reconhecimento, enquanto que às mulheres não tiveram oportunidade de fazer suas

³ Os sistemas matriarcais são organizações sociais em que a mulher em um determinado grupo ocupa a posição de liderança (SILVA, 2011).

⁴ Esse sistema de relacionamento monogâmico se originou na Grécia Antiga (1100 a. C. a 146 a. C.), e ganhou força com o surgimento e Ascensão do cristianismo (SILVA, 2011).

próprias escolhas, tendo os desejos e sonhos femininos ignorados, pois eram educadas para o silêncio e a obediência. (ROCHA, 2009 p.51).

Mudanças no sistema opressor feminino ocidental começaram a ocorrer mais significativamente apenas por volta do século XVIII. Movimentos denominados de feministas, passaram a pautar várias reivindicações das mulheres.

Segundo Rocha (2009. p, 124), as primeiras manifestação e expressão do feminismo foram iniciados na França no século XVIII, com o movimento social da mulher contra as desigualdades patriarcais capitalistas, sobretudo com reivindicações pelos direitos políticos.

Rocha (2009.p, 116) explica que as revoluções burguesas foram os primeiros movimentos voltados à quebra de paradigmas que por tanto tempo reprimiu a mulher na sociedade, estes movimentos revolucionários caracterizaram-se por transformações radicais ocorridas na estrutura da sociedade e que, afetaram também o universo feminino. Estas transformações que superaram a ordem feudal e construíram a ordem capitalista por meio de um novo Estado controlado pela burguesia, acabou também oportunizando um maior espaço para as mulheres no sentido da emancipação.

As Revoluções Burguesas são movimentos sociopolíticos (1640-1850), e integram outros movimentos como a Revolução Francesa, que é um momento de fomento dos primórdios das lutas das mulheres. Foi no processo da Revolução Francesa (1789 – 1799) que as mulheres deram início a batalha histórias em torno do direito de participar ativamente da vida pública, no campo do trabalho, educação e da representação política por esse motivo as mulheres se mantiveram no silêncio e ameaçadas e seus direitos limitados para exercer a política. O regime posicionou contra os direitos ao divórcio e ao amor livre que foram reclamados pelas mulheres no processo da Revolução Francesa e dando o homem o poder chefe de família. (DEL PRIORE, p. 127)

Segundo Del Priore (2004), a revolucionária Olímpia de Gouges⁵ proclamou que a mulher possuía direitos iguais idênticos aos homens e que tinham direito de participar de forma direta ou indiretamente dos direitos políticos. Mas foi negado pela Assembleia

⁵ [...] Uma das que mais lutaram pelos direitos da mulher durante a Revolução Francesa foi Olympe de Gouges. Em 1791, dois anos depois da Revolução, portanto, ela publicou uma declaração dos direitos da mulher. É que a “Declaração dos direitos do homem e do cidadão” não tinha dedicado muito espaço aos direitos naturais das mulheres. Olympe de Gouges reivindicava para as mulheres exatamente o mesmo direito dos homens. E qual foi o resultado disso? Ela foi decapitada em 1793 e as mulheres proibidas de toda e qualquer atividade política. (...) (GAARDER, 1998).

Nacional em 1791. Em seguida passou a ser um símbolo do feminismo que reivindicava seus direitos democrático pela igualdade entre o gênero feminino e masculino na política.

A luta das mulheres, portanto, eram reivindicação dos direitos civis e políticos e acima de tudo pela igualdade e liberdade para todas, bem como direito ao assalariado, direitos à educação e aos direitos políticos.

É preciso destacar a importância em pensar o feminismo não como um movimento uno e com objetivos delimitados, seria um engano falar de feminismo sem atentar-se para as diferentes ideias que o agregou em tantos momentos históricos. Muitas coisas mudaram desde os primeiros momentos intitulados de movimentos feministas até os dias atuais. O chamado feminismo dos iniciais movimentos não é o mesmo feminismo dos tempos contemporâneos. O correto seria tratar desta palavra no plural – feminismos, ao invés de feminismo.

Tofanelo (2015), destaca as pesquisas feitas por Elaine Showalter nos Estados Unidos no ano de 1985, com temática de literatura inglesa, determinou uma ordem cronológica sobre a autoria e destaque da literatura feminista. A autora divide em três fases a incursão da mulher na literatura: a fase feminina, a feminista e a fêmea, destaca da seguinte forma:

- FEMININA: a feminina que permeia no período de 1840 a 1880, em que eram repetidos os padrões tradicionais ainda vigentes na sociedade, ou seja, masculinos, e pelo fato de a mulher não poder escrever, eram adotados pseudônimos;
- FEMINISTA: a feminista permeado entre os anos de 1880 até 1920, marcada pelo protesto à exclusão, questionamentos de suas próprias condições, por parte das mulheres;
- FÊMEA: a fêmea teve seu início na década de 1920 até a atualidade, que despontou com a conscientização de sua autorrealização e a necessidade de ter identidade própria. (TOFANELO, 2015, p.3).

É importante ressaltar que todas estas lutas culminam com a liberdade da mulher atualmente em diversos setores, sobretudo ao que interessa mais especificamente para desengargo desta pesquisa diz respeito à liberdade que a mulher acabou conquistando no campo da escrita e da literatura, tanto como autora participante e no desenvolvimento de suas personagens.

Registros indicam que historicamente em muitas sociedades as mulheres foram reprimidas em diversas áreas humanas. Por muito tempo, a mulher ficou também afastada do território da escrita e da literatura. O espaço acadêmico ou da escrita literária em boa parte das sociedades foi reservado somente aos homens, constituindo uma predominância masculina de cânones literários.

No que tange a literatura, o cânone literário ocidental, formado por homens brancos e de classe média/alta, correspondeu a uma das extensões do discurso dominante, não se restringindo às questões estéticas do texto literário, mas estendendo-se a fatores sociais e morais do universo da crítica. Sendo assim, eram regulados por uma ideologia de exclusão aos escritos das mulheres, das etnias não brancas e de outras minorias. (ARAÚJO, 2012, p. 36).

Vale então observar o contexto histórico de hegemonia masculina na historicidade, dada a tentativa de compreender de que maneira a limitação do espaço da mulher em diversas áreas sociais afetou seu espaço também como autora na literatura. Fraitag (2014) caracteriza que no decorrer da história do patriarcalismo parece ter acontecido um investimento coletivo que acomodou o comportamento do feminino na sociedade, entretanto, muitas mulheres tiveram que conviver com a invalidação pessoal. A mulher inserida no sistema patriarcal foi direcionada aos cuidados com o lar e com os filhos pois para ser mãe era uma categoria considerada vocação natural. (FRAITAG, 2014, p.18)

Esta vocação natural impediu por muito tempo que a mulher pertencesse ao mundo da escrita literária, afastando-a da literatura, mas aproximando-a do ambiente doméstico e limitado ao cuidado com o outro.

Nos últimos anos historiadores têm descoberto a escrita feminina em momentos históricos em que a mulher ainda não tinha espaço no campo da escrita, muitas vezes as mulheres expressaram suas ideias nos diários particulares, ou cartas, por exemplo. De acordo com Teixeira (2013) o primeiro romance do qual se tem notícia foi escrito por uma mulher, ela era chamada Murasaki Shikibu, uma japonesa da classe nobre, que escreveu no ano 1007 um livro chamado *A História de Genji*. Teixeira (2013, p.45) ressalta que assim como ela, existem muitas escritoras que ganharam e continuam ganhando destaque na literatura mundial, entre elas a autora destaca Jane Austen, Virginia Woolf, J. K. Rowling, Agatha Christie, Hilda Hist, Stephenie Meyer, Suzanne Collins, Gillian Flynn, Veronica Roth, Cassandra Clare, Cornelia Funk, Cressida Cowell, entre outras.

Foi por meio da literatura que muitas mulheres puderam desprender-se de sistemas em que o homem era supervalorizado, enquanto à mulher cabia outras funções que a afastava da escrita. O conhecimento da escrita primeiramente foi disponibilizado à esfera masculina, e garantia poder de quem o detinha.

A partir da ideia da liberdade de expressão é que a literatura ofereceu espaço para definir a construção da escrita feminina. A literatura de autoria feminina atribuirá discussões

sobre um tipo de escrita que desde do século passado tem procurado ser inserido no contexto literário. Algumas mulheres foram fundamentais para abrir caminho, como Virginia Woolf e Simone de Beauvoir. Estas, por meio de uma escrita denúncia, usaram as palavras para apontar a perversa exclusão da mulher em sociedade e no campo literário. Foram mulheres como elas que construíram um caminho sólido para a escrita que possibilita a atitude da mulher diante da representação artística e literária. (RODRIGUES, 2015).

A autora Rodrigues (2015, p. 37) corrobora que por um longo período as mulheres foram “objeto de um relato histórico que as relegou ao silêncio e à invisibilidade, na medida em que sua atuação se passava quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar”. Desta feita o espaço público pertencia aos homens e poucas mulheres poderiam pertencer a ele. Neste sentido a identidade feminina “foi moldada pela assimetria sexual, uma vez que esses discursos eram produzidos por homens” (RODRIGUES, 2015).

Na verdade, a ausência de conhecimento sobre a mulher, sobre o corpo feminino, ao longo da história, contribuiu para que a imagem da mulher também na literatura fosse prolixa. Assim, as imagens femininas produzidas pelos homens, “vão dizer sobre os sonhos e medos masculinos, mas não sobre a realidade feminina. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas”. (ARAÚJO, 2015, p. 38).

A busca da mulher por sua identidade na literatura de autoria feminina no decorrer da história tem moldado uma concepção viva que compõe, repõe e recompõe uma visão de identidade própria. Para tanto, há uma aliança entre história e literatura, no sentido de compreender de que maneira a mulher foi vetada no espaço social e espaço literário.

Para Gomes (2008), as pesquisas sobre a produção feminina, objetivam dar visibilidade e voz à historicidade das mulheres. Desenham, à luz da história das mentalidades e da história do social, uma história de olhares situados (marcados por muitos ‘lugares’: gênero, raça, classe, orientação sexual, geografia etc.).

A perspectiva feminista concebe a construção do objeto a partir da politização do lugar de enunciação, preocupando-se em traçar uma história cultural dos espaços e das identidades femininas, assim como das modalidades de relações entre os sexos sociais. Com o início dos questionamentos da sociedade em relação a desigualdade de gênero, a luta pela igualdade de oportunidades e realidade para as mulheres foram tomando novos rumos, uma tradição baseada no sistema patriarcal, dá lugar a uma nova realidade social que persevera aos

dias atuais. No Brasil o espaço da mulher no campo da escrita foi negado por muito tempo, repetindo um cenário mundial em que o homem exerce poder políticos e profissional. No entanto, a partir da década de 1960 no país as mulheres puderam começar a participar de alguns setores. (Priore 416)

No Brasil a partir da década de 60, coletivamente falando, se fortalecem as ações coletivas do campo feminino com as reivindicações das mulheres. De acordo com Fraitag (2014, p.19) “Por quase todo o país, grupos organizaram fóruns, seminários, congressos e outros para debater sobre a violência, discriminação, abusos de vários tipos sofridos pelas mulheres. Discussões importantes para o universo feminino começavam a fervilhar”.

Já na década de 1980 no Brasil, com a ascensão dos eletrodomésticos, outras mudanças ocorreram no universo feminino:

A mulher já não precisa seguir o árduo trabalho braçal de seus antecedentes no ambiente doméstico, por exemplo, já pode escolher entre lavar a roupa à mão ou deixar que a máquina lave a roupa, pode escolher usar o liquidificador ou batedeira ao invés de ficar horas na cozinha batendo claras em neve ou bolos. (...). As mulheres ganham autonomia no espaço doméstico com estas facilidades e buscam isso também no mercado de trabalho, isto muda os rumos numa sociedade por tanto tempo regida pelo sistema patriarcal. (FRAITAG, 2014, p.19).

Junto com estas transformações, a mulher também passa por transformações em relação ao seu espaço na área da literatura, mesmo que timidamente.

A literatura brasileira durante muito tempo calçou os moldes de uma literatura elaborada por modelos portugueses. No entanto, características particulares passaram a demonstrar que a literatura nacional seria capaz de propor uma identidade própria. Entre os diversos gêneros literários⁶ timidamente a mulher vai definindo um tipo de literatura produzida por mulheres, com uma identidade própria. Mas para tal feito, a mulher precisou antes definir sua própria identidade como mulher, como autora de sua própria história e como autora literária.

Os resultados na literatura brasileira são de mulheres escritoras que desenvolvem uma escrita principiando com a denúncia na ficção dos desvelos vividos por mulheres na vida real. Dada a largada para o espaço da mulher na literatura e seu caráter denunciativo não faltou muito para que escritoras brasileiras alcançasse voos altos em direção a várias temáticas, sobretudo pela ótica feminina. As temáticas que outrora eram desenvolvidas por

⁶ Gênero literário é um conjunto de produção literária que podem ser feitas de acordo com critérios semânticos, sintáticos, fonológicos, formais, contextuais e outros (MELO, 2011).

meio da imaginação masculina podem agora ser escritas por mulheres, são assim, escritoras com uma produção literária feminina no viés psicológico, emocional e criativo da mulher sobre temas femininos.

De acordo com Melo (2011, p.23) os primeiros registros de literatura do Brasil que se considera, parte do pressuposto das atividades literárias por meio da Literatura de informação (Carta de Pero Vaz de Caminha)⁷, ou incentivadas pelos padres jesuítas no século XVI nascendo a Literatura de Catequese (Padre José de Anchieta).

Assim sendo, a literatura brasileira é uma categoria cultural e conta com mais de quinhentos anos de história, destacando duas fases principais; uma influenciada pelo momento europeu e a outra pelo meio nacional. Analisando os fatos históricos, pensamentos, acontecimentos, sendo a abertura da literatura em língua portuguesa que faz parte da Literatura latino-americana.

As primeiras manifestações da literatura genuinamente brasileira foram marcadas pelo literário Portugal, os primeiros escritores eram portugueses ou brasileiros com formação em Portugal. Assim a mesma é contextualizada a partir de conceitos étnicos, religiosos e históricos, podendo-se afirmar que a mesma possui influências dos acontecimentos históricos na sociedade brasileira, mitologia e folclore, originados a partir da miscigenação das diversas culturas vindas para o Brasil, durante sua formação e dos povos que aqui já estavam. Conceitua (MELO,2011).

Aos poucos a literatura nacional foi ganhando independência no sentido de produzir uma literatura genuinamente brasileira, com temáticas nacionais e identidade própria. Pode-se classificar como abertura deste processo os movimentos românticos⁸ e realista⁹ no século XIX, e ganhando maior expressividade de uma literatura realmente brasileira, sem amarras com Portugal, um dos marcos também foi a Semana de Arte Moderna em 1922, que contou com representações artísticas, literárias, culturais, com uma identidade realmente brasileira e expressiva. Este movimento é marcante por possibilitar a partir daquele momento uma diversificada produção literária, capaz de se constituir de diferentes temas bem particulares do país, sejam regionais, culturais, entre outros (MACHADO, 2011, p. 23)

⁷ Documento no qual Pero Vaz de Caminha, registrou suas primeiras impressões sobre o Brasil, sendo considerado primeiro documento oficial da história brasileira (SILVA, 2011).

⁸ O romantismo é um movimento literário originário de Portugal entre os séculos XVIII e XIX, que leva em consideração a memória da felicidade e a manifestação dos sentimentos dos autores (MELO, 2011).

⁹ O realismo é um movimento literário surgido na França, no final do século XIX, em consequência do romantismo, retratando os problemas sociais das classes médias e baixas, não somente em textos, mas também em outras formas de arte (MELO, 2011).

A partir deste movimento o país pode contar com uma forte produção nacional, com escritores destaque como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Cecília Meireles, entre tantos outros.

A literatura brasileira durante vários momentos foi território predominantemente ocupado pelos homens, a mulher obviamente era descrita conforme o imaginário masculino, seja fruto de uma construção cultural, histórica, regional, ou outros aspectos. A busca pela igualdade de gênero e as reivindicações das mulheres abriram caminhos também na literatura.

Como descrito por Del Priore (2004, p.409) “A conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil”. O processo do atraso da inserção da mulher na escrita e no mundo das letras tem a ver com as transformações históricas, em que conforme a mulher ganha espaço nas áreas sociais consequentemente também é inserida no campo literário.

Para a maioria das mulheres, durante o período colonial, sua posição de inferioridade, não lhes dava direito à educação. Pois, a educação era somente direito do sexo masculino enquanto a mulher exercia o seu papel de dona de casa e seus afazeres domésticos, quando se pensava em mulher logo se via apta alguém para a organização da família.

Durante o decorrer histórico, a mulher brasileira expressou seus sentimentos e pensamentos através da escrita, mesmo que muitas vezes esses textos não chegaram a ser publicados ou expostos. Os escritos de autoria feminina muitas vezes eram descritos em diários e cadernos, onde as mesmas colocavam seus desejos, sentimentos, medos e opressões sofridas no seio familiar. Del Priori (2004), em sua obra intitulada: *História das Mulheres no Brasil*, caracteriza:

Desde os “cadernos goiabada”, como os denomina a escritora nossa contemporânea Lygia Fagundes Telles, até jornais, romances e polêmicas. Ao falar dos “cadernos goiabada”, Lygia se refere aos cadernos onde as mocinhas escreviam pensamentos e estados de alma, diários que perdiam o sentido depois do casamento, pois a partir daí não mais se podia pensar em segredo – que se sabe, em se tratando de mulher casada, só podia ser bandalheira. Ficavam sim com o caderno do dia a dia, onde, em meio a receitas e gastos domésticos, ousavam escrever uma lembrança ou ideia. Cadernos que Lygia vê como um marco das primeiras arremetidas da mulher brasileira na carreira de letras, ofício de homem. (DEL PRIORE 2004. p, 342)

Não raros eram os registros femininos eram tomados de grande criatividade, pode-se dizer que grandes talentos foram ofuscados pelo processo histórico da hegemonia masculina, não fosse isso, várias mulheres teriam desenvolvido uma escrita cotidiana, reveladora.

Seguindo esta linha de raciocínio, convém destacar mais um trecho da obra de Del Priore (2004) quando afirmar:

Como esquecer dos cadernos de anotação e inspiração de Ana Lisboa dos Guimarães Peixoto Bastos, nascida numa casa antiga em Goiás Velho, em 1889. Casa ancestral que no final do século XX ela descreverá em livro, casa assombrada por memórias dos tempos e glórias passadas, por fantasmas da infância. Ali cresceu e se fez jovem. E seus anseios extravasaram a velha casa. Ana saiu, fez um belo nome como doceira, fez toda uma vida. “Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei...” Ana voltou Cora Coralina. Ana cursara somente o primário, mas poetara desde os 14 anos. Morreu, na casa velha da ponte, em 1985, Cora Coralina, doutora *honoris causa* pela Universidade de Goiás, membro da Academia Goiana de Letras e tendo recebido, como poeta e ficcionista, o troféu Jabuti e o prêmio Juca Pato como intelectual do ano em 1984. (DEL PRIORE, 2004.p 342)

Pode-se perceber a grande importância das mulheres brasileiras na literatura feminina, pois suas obras, são expressões de seus sentimentos, pensamentos de mulher ofuscados pelo papel que lhes eram atribuídos, longe de conquistar reconhecimento por meio de sua escrita. Outra autora que convém destacar é Maria Firmina dos Reis, que Segundo Quadros (2014.p.39) Foi considerada a primeira autora feminina no Brasil, Maria Firmina dos Reis é a mulher , negra, maranhense que foi uma das grandes autoras descobertas na literatura seus estudos abordam a escrita feminina, apesar de sua lista ser pequena relacionadas a publicações de outras autoras mas somando a sua extrema importância para a compreensão no momento histórico em que está inserida e de seu lugar sua primeira publicação foi o romance Úrsula em 1859 (QUADROS, 2014 p.39)

Em outras palavras nota-se, que a literatura de autoria feminina no Brasil conta com vozes silenciadas e sem reconhecimento, como no caso de Maria de Firmina dos Reis, duas vezes - por ser mulher e por ser negra.

Após a publicação da obra de Maria Firmina dos Reis em 1859, sabe-se que outras mulheres desenvolveram a escrita no Brasil, mas tendo sido descobertas há muito pouco tempo, pois na época não tiveram grandes oportunidades de apresentar suas obras ao mundo.

Del Priori (2004, p.342), destaca que” no século XIX, para as mulheres que pensaram ser algo mais do que bonecas ou personagens literárias e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava”. Mesmo assim, a autora ressalta que com todas as prisões que cerceavam limitando o universo feminino as mulheres no século passado escreveram e escreveram bastante. Antes do século XX, ao homem era destinado os direitos de plena cidadania, com superioridade jurídica, este homem era visto

como chefe de família e estado e a mulher era oferecida a coroa de dona de casa. Porém, esta realidade entrou em declínio no início do século XX, onde o início dos movimentos feministas contra a cultura machista começou graças a influência de vários autores e novas formas de governo.

Rocha (2009) descreve o feminismo como um movimento político iniciado no século XIX que luta pelo fim da dominação de um gênero sobre outro e busca o direito das mulheres, igualdade de gêneros entre homens e mulheres.

No decorrer da história do Brasil, este movimento pode ser dividido da seguinte forma, sendo o primeiro período no século XIX e início do século XX com o movimento sufragista¹⁰ em que não era questionado a opressão da mulher, a segunda na décadas 1960 e 1970 o feminismo reunia mulheres intelectuais e líderes operária que defendiam a educação, sexualidade e o divórcio, e a terceira em 1990 que se estende até nos dias atuais e predominou a busca da mulher para sua atuação em diversas áreas da sociedade na arte e na política . (CARNEIRO. p. 131)

Tofanelo (2015), destaca que na sociedade brasileira por volta dos anos de 1970 surgem os primeiros grupos de mulheres feministas que participaram ativamente da luta contra a ditadura militar e espaço em debates públicos sobre o papel da mulher na sociedade. O movimento ganha força em 1980 quando o movimento feminista se une com outros movimentos sociais, como o favorecimento da diversidade sexual e ampliação dos direitos sociais que ganharam importantes classes populares.

Ainda segundo Tofanelo (2015), na década de 1990, as principais lutas do movimento feminista foram contra a violência doméstica que em 2006 teve um grande salto com a criação da Lei 11.340/2006, também conhecida popularmente como *Lei Maria da Penha*. Esta lei tem a finalidade de prevenir e combater qualquer tipo de violência contra a mulher.

Segundo Tofanelo (2015), durante o século XX, para o gênero feminino tomou novos rumos, o início da liberdade das mulheres, os movimentos feministas e as conquistas femininas, trouxeram uma perspectiva estas que durante muito tempo eram consideradas como seres inferiores.

¹⁰ Movimento social, político e econômico de reestruturação, com a finalidade de estender o direito ao voto para as mulheres (KEMP, 2011).

No Brasil, pode-se dizer que a inserção da mulher na literatura foi efetivamente mais percebida somente a partir da década 1960, as produções começam a ser expressivas. Em concomitância às demais transformações sociais na década 60,70 e 80, as transformações no universo da mulher passam a ser percebidos também em sua participação na escrita. De acordo com Teixeira (2013), por meio da literatura as críticas foram dirigidas para abordar os gêneros das construções discursivas dominantes. (TEIXEIRA, 2013, p. 03).

Neste contexto, a literatura foi uma ferramenta de expressão da repressão sofrida pela mulher, permitindo a exposição de seus sofrimentos e proclamar seu espaço na sociedade de maneira igual ao do homem. Sendo assim a oportunidade de equidade¹¹ entre homens e mulheres pode ser exposta, pois as mesmas sempre lutaram por ter direitos iguais aos dos homens. A autora Araújo (2012) conceitua que a literatura de autoria feminina ao longo da sua trajetória tem se caracterizado timidamente e sido iniciado no século XIX e crescendo cada vez mais no decorrer XX, destacando as conquistas das mulheres e seu repúdio ao silêncio histórico objetivando a busca pelo direito de se auto representar, e ter sua identidade própria deixando de lado a ideologia patriarcal. (ARAÚJO, 2012, p.34-35).

Durante muito tempo na França e no Brasil e em outros países, houve a exclusão feminina do contexto literário, talvez como em outras áreas sociais. Boa parte dos espaços não domésticos contaram com a participação do gênero masculino. No campo da literatura, embora por muito tempo a mulher tenha sido ausente houveram algumas exceções para o gênero feminino. Lobo (1998), explica que a exclusão é própria da mulher que pretende adentrar no mundo literário ou acadêmico, não pode assim desconhecer e ignorar que por real motivos sociológicos e históricos a mulher foi recusada e excluída no mundo da escrita, portanto por meio de convento aprendendo ler e escrever que conseguiram introduzir seu nome na história por meio de frestas ou arestas. (LOBO, 1998. p.1).

Outro ponto é que as restrições impostas às mulheres, durante muito tempo, lhe impediram de produzirem escritas no gênero literário, conseqüentemente, a identidade da autoria feminina também foi afetada, não só como autora a mulher teve seu papel roubado na literatura, mas também como personagem feminina. Por muito tempo no campo literário no Brasil a imagem feminina como personagem foi retratada como uma mulher frágil, submissa, delicada, romantizada.

¹¹ É o reconhecimento dos direitos e a efetivação desses direitos em igualdade de condições (SILVA,2011)

Os contos de fadas clássicos, por exemplo, predominantemente descrevem uma mulher nunca protagonista, mas coadjuvante, digna de ser salva por um herói masculino. No Brasil com as poesias, romances, produzidos por homens inicialmente, não foi diferente, escolas literárias como o Barroco, Romantismo, Naturalismo, descrevem uma mulher personagem romantizada, inatingível, erotizada, comparada às belezas da fauna e flora, ou subjugadas ao poder masculino.

No Brasil, vários momentos recebem o reflexo dos acontecimentos mundiais em relação aos embates femininos para conquistar espaço. Segundo Abaurre (2005), foi no início do século XX durante o período do modernismo¹² que ocorreu grande mudança nos padrões literários, onde o conhecimento sobre as vanguardas segue um movimento que começa a incluir timidamente a participação do gênero feminino.

As produções jornalísticas e literárias das mulheres no Brasil tiveram uma repercussão intensa justamente no período da Semana da Arte Moderna em São Paulo, em que ao mesmo tempo em que ocorriam tantas exposições culturais diferentes as ideias sobre o feminismo e as raízes patriarcais juntamente com os embates sobre a desigualdade de gêneros começam a ser observados. De lá para cá, a literatura de autoria feminina, tem crescido exponencialmente nos últimos anos.

Na história da literatura brasileira pode-se perceber que as mulheres demoraram para conseguirem seu devido reconhecimento, estudos feitos por Melo (2011) mostram que são raras as citações sobre escritoras durante muitos anos e quando são a referência é feita em poucas linhas e/ou de forma indireta.

Melo (2011), mostra o caso de Júlia Lopes de Almeida, escritora que foi fundamental para a criação da Academia Brasileira de Letras¹³, mas seu nome não consta na lista de fundadores; em seu lugar, entrou o marido Filinto de Almeida. Ao longo de sua história, a Academia Brasileira de Letras teve apenas seis mulheres componentes: Raquel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Ana Maria Machado e Cleonice Berardinelli.

¹² O modernismo foi um movimento artístico e literário no início do século XX, com a finalidade de romper com movimentos tradicionalistas, sendo suas maiores obras nas artes plásticas e pintura (MELO, 2011).

¹³ Academia Brasileira de Letras é uma instituição literária, localizada no Rio de Janeiro, fundado no ano de 1987. Fundada por renomados escritores brasileiros e tem a finalidade do cultivo da língua portuguesa pelos seus membros (MELO, 2011).

Conforme o exposto, a ausência de nomes femininos no contexto participativo da Academia Brasileira de Letras, não exclui o mérito das escritoras brasileiras, tendo em visto que suas obras ganharam grande destaque, mesmo durante o período em que a mulher esteve reclusa e/ou oprimida, suas obras expressam sentimentos e desejos.

Outra Escritora no contexto Literário que se destacou foi Clarice Lispector, considerada uma das escritoras de maior importância no século, pois suas obras estão cheias de tramas psicológicas, dramas reais e cenas cotidianas do dia a dia da mulher. Melo (2011), afirma que através da escrita a autora mostrava seus dilemas internos, suas angústias e medos. A obra de Clarice Lispector rompe com esse estado de coisas, pondo em questão as relações de gênero.

Tofanelo (2015) e Abaurre (2005), quando afirmam que conforme os avanços das mulheres na luta pelos seus direitos, o contexto literário feminino, foi tomando novas narrativas, as autorias femininas obtiveram grandes destaques e grandes obras de sucesso que ocuparam espaços importantes na representação na arte e na literatura.

Uma nova realidade tomou conta do gênero literário e acadêmico, portanto as mulheres conquistaram o espaço como autoras, dando um grande avanço nas narrativas e arte literária, ampliando assim os acervos deste ramo do conhecimento humano. Pode se destacar novas perspectivas de autoria.

Atualmente a imagem da mulher pode ser retratada por escritoras mulheres, da maneira que a escritora convir. As mudanças que ocorrer nos últimos anos inserindo a mulher no campo da escrita deram maior liberdade de atuar nesta área. Machado (2011, p. 46), defende que a literatura produzida por autoras mulheres é diferente e nos últimos tempos tem e ganhado além de espaço, sucesso e notoriedade entre clássicos e *best sellers*¹⁴. Para Constância Duarte (2003), este sucesso resulta da perspectiva da diferença, pela expressão da sensibilidade da mulher sob uma ótica particular, a partir de um sujeito próprio de representação. A visibilidade de tal produção tem se prestado a revelar aspectos de uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história e propicia a insurgência de um vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação.

Na verdade, boa parte dos homens escritores da atualidade também desenvolvem uma escrita bem diferente de suas raízes quando se trata de personagens femininas. A

¹⁴Tradução: mais vendidos.

literatura contemporânea conta com uma vasta e diversificada produção, até difícil de classificar do ponto de vista de separar um movimento ou estilo literário, pois há vários estilos, vários tipos de personagem feminino ou masculino.

AMOR DE CLARICE LISPECTOR

A escritora Clarice Lispector nascida em 1920, de origem ucraniana e naturalizada brasileira, com 15 anos de idade chegou a cidade do rio de janeiro, onde com apenas 15 anos de idade começou a escrever, mas somente no ano de 1943, conseguiu publicar o seu primeiro livro *Perto do Coração Selvagem*. Segundo Ângelo (2012), a autora ganhou destaque no cenário da literatura por suas obras expressarem certo sentido de realidade para com os leitores, nesta perspectiva a sua obra de maior destaque é o conto *Amor*.

Clarice Lispector viveu em um período de transição social, em que os movimentos feministas e a busca por independência da mulher vinham ganhando força e as primeiras manifestações literárias das mulheres, grande destaque desta época foi a Semana da Arte Moderna no ano de 1922, em que as brasileiras Anita Malfatti e Tarsila do Amaral apresentaram suas artes, este e outros eventos marcaram este período foi de grande importância para a literatura, tendo em vista que nesta época as mulheres obtiveram os primeiros requisitos de liberdade.

Segundo Ângelo (2012), Clarice Lispector é uma das escritoras mais aclamadas da literatura modernista brasileira, tendo que suas obras tinham a finalidade de atingir as regiões mais profundas da mente das personagens, ou seja, a escritora mostrava em suas obras as relações intrapessoais de seus personagens, isto reflete em suas obras que predomina em suas obras o tempo psicológico, na maioria das obras de Clarice apresenta-se um enredo em que o personagem descobre-se pertencente a um mundo absurdo.

Este fato pode ser observado no conto *Amor*, de Clarice Lispector, que traz uma reflexão sobre a situação de doméstica que a personagem se encontra, aceitando um padrão patriarcal sem se dar conta a princípio. Este conto se passa em três momentos básicos da personagem sobre sua condição subordinada diante do marido e filhos.

A obra vai demonstrando a impotência da personagem, domesticidade e opressão dos sentimentos e estabilidade familiar de Mãe/Esposa/ Dona de casa. Num primeiro momento

Ana é apresentada na obra como a mulher dona de casa e sua família Perfeita que lhe dava equilíbrio. Ao que parece, a personagem não tem consciência de sua subjugação no ambiente familiar.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranqüilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida (LISPECTOR, 1998, p.12)

A apresentação revelada pela personagem, narrada em terceira pessoa, dá conta de que nada incomum ou rude acontece na vida da personagem, mas conforme a trama se desenrola a personagem passa a revelar que algo a incomoda, apesar da aparente perfeição em sua vida: “Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se” (1998, p.18).

O conto se passa com Ana voltando das compras e embarcando em um bonde. Durante o percurso Ana embarca também em uma profunda reflexão sobre sua vida. Passa a revelar outras imperfeições e preocupações cotidianas, que inicialmente parecem corriqueiras, mas que aos poucos vão se revelando inquietantes. A personagem revela que é tratada com indiferença pelo marido, e os filhos acabam reproduzindo as ações do pai, como atitudes hostis. Até então ainda não há nada de tão revelador no conto, mas eis que surge um ímpeto para a personagem quando em uma pausa do bonde ela se depara com um homem cego parado no ponto.

Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranqüila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles.... Um homem cego mascava chicles (LISPECTOR, 1998, p.13)

A cegueira do homem que a personagem olha, a partir deste momento é um elemento símbolo¹⁵ da própria cegueira de Ana diante de sua vida. É a partir deste momento que a inquietude toma conta da personagem e ela passa a viver uma crise existencial. Neste segundo momento da obra o equilíbrio parece estar quebrado, quando Ana se depara com o cego no ponto do bonde, e fica por alguns minutos repensando, ela começa a enxergar as coisas com mais atenção. De repente esse cego mostra algo mais do que seus olhos possam enxergar e ele mastigar a goma parece incomodá-la ainda mais, levando a personagem a um auto análise e reflexão da sua existência.

O ápice do conto se passa quando o bonde arranca bruscamente e as compras de Ana caem ao chão enquanto ela ainda olha o cego. Neste momento os pensamentos de Ana são bagunçados também.

Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despençou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados. Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se apurava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida. Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito (LISPECTOR, 1998, p.14).

O quebrar dos ovos é também uma quebra da fantasia criada por Ana sobre sua vida perfeita. As obras de Clarice Lispector, se tornaram conhecidas por exporem esses momentos de reflexão dos personagens, onde os mesmos tomavam consciência de sua própria existência, mostrando que cada pessoa tem seu próprio, assim na obra *Amor*, a autora apresenta a personagem Ana, como uma mulher que tomou que através de uma reflexão seu existencialismo, pode se notar de estar vivendo algo que não era dela.

Pode se afirmar que o conto *Amor*, mostrava a triste realidade vivenciada pela maioria das mulheres oprimidas e reclusas pelo patriarcalismo, mostrando a nostalgia de viver uma vida que não lhe era delas, mas sim uma imposta as mesmas.

¹⁵ A palavra símbolo tem origem do grego (sýmbolon) que representa a realidade visível de estar ou realidade invisível em lugar de algo pode ser caracterizado por um conceito, objeto ou ideia. (SALIK,2010)

É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver. Acabara-se a vertigem de bondade.

Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia. (LISPECTOR, 1998, p. 19.20).

No entanto, o conto é finalizado com o marido a convencendo de que nada de mal quer que aconteça a ela, e a personagem Ana prefere assim, convencer a si mesma que o melhor é manter-se na segurança superficial que criou para si. Com base no exposto, convém destacar que a obra escrita por Clarice Lispector, tem a finalidade de mostrar o dilema vivenciado por milhares de mulheres, em que as mesmas se conformam com a vida que levam ou se vão em busca de uma nova vida em um mundo totalmente desconhecido pelas mesmas.

CONCLUSÃO

As mulheres durante milênios foram reprimidas e sendo sujeitadas ao gênero masculino, os poucos registros que situam a mulher em sociedade dão conta que foi limitada nos diversos setores políticos e sociais. A predominância total da hegemonia masculina causou grande impacto negativo na sociedade de maneira geral, pode-se confirmar que a constância repressão feminina afastaram a mulher do campo da literatura, mas aproximaram ao interesse do homem como esposa, mãe e doméstica ao sistema patriarcal. Aos poucos com essa predominância o sistema patriarcal foi ganhando força e se tornando prioritário, o que era uma troca de favores sociais passou a ser uma condição obrigatória da mulher para com os homens e por esse fator a mulher foi privada de várias atividades, sendo uma dessas a participação na literatura

Porém no século XVIII a mulher entrou em declínio e vem ganhando força até na atualidade e resultou em uma luta denominada feminismo ao acesso da mulher aos direitos que foram tirados, com a liberdade conquistada pela mulher na era moderna permitiu avanços em todos os conjuntos históricos da sociedade e passou por diferentes momentos até garantir algumas conquistas.

Outro fator importante para ressaltar é a nova realidade vivenciada pela sociedade que permitiu que a mulher tivesse acesso aos campos da literatura que antes era restrito pela mesma, porém esse processo ocorreu de forma lenta e contínua. A literatura brasileira teve seu início durante o descobrimento do Brasil, mas a mulher só teve a liberdade para escrever em meados do século XIX, este fato foi marcado com a publicação da obra de Maria Firmina

dos Reis. Convém destacar no sentido de autoria feminina são os contos, que ganham destaque por suas características peculiares entre estas características destacam-se o seu tamanho, narrativa e relação do autor com a história.

Ainda neste contexto literário os contos de autoria feminina ganharam destaque por expressarem um sentido real e emocional de suas autoras este fato pode ser comprovado no conto de *Clarice Lispector Amor*, esta obra expressa os sentimentos da personagem por meio de uma autora que viveu em época de transição social em que a mulher começou a ganhar espaço. Pode se afirmar que a expressão feminina causou grande atraso no desenvolvimento da sociedade, pois durante muito tempo grandes mentes foram proibidas de oferecerem suas capacidades para o desenvolvimento da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M; PONTARA, Marcela N. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**, volume único. — São Paulo: Moderna, 2005.

ÂNGELO, Rogério de Castro. O amor na obra de Clarice Lispector. **Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Uberlândia, v. 5, p. 77-91, jan. 2012. Disponível em: <<http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/41762/o-amor-na-obra-de-clarice-lispector.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3 ed. rev e ampl. SP: Moderna, 2006.

ARAÚJO, Adriana Lopes de. **A representação da mulher no romance contemporâneo de autoria feminina**. 2012. 152 f. dissertação (programa de Pós-Graduação em Letras)- Centro de ciências humanas, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

CARNEIRO, Adriana Jacob. **Gênero e Mídia: a cobertura do dia Internacional da mulher**. 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br>> Acesso em: 21 maio 2017.

CASTAGNINO, Raul H. **Que é Literatura**, São Paulo: Mestre Jou, 1969.

COUTINHO, Afrânio, **Antologia brasileira de Literatura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed Letras e artes Ltda. 1967

DUARTE, Constância Lima. 2003. **Feminismo e literatura no Brasil**: Estudos Avançados 17.49: 151-72. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jan. 2017.

FRAITAG, Katia. **Configurações do Desejo em as parceiras, a asa esquerda do anjo e reunião de família, de Lya Luft**. 2014. 116 f. dissertação (programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL) - Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Tangará da Serra - MT, 2014.

FROMM, E. **A arte de amar**. Belo horizonte: Itatiaia, (1991).

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, M. **Antropologia: Ciência do homem - filosofia da cultura**. São Paulo: contexto, 2009.

JUNIOR, Eccio Falcuci. et al. A ascensão feminina no mercado de trabalho, com foco na liderança. **Atena Revista Digital de Gestão e Negócio**, [S.l.], p. 1-24, jan. 2015. Disponível em: <[http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=gestaoenegocios&page=article&op=viewFile&path\[\]=644&path\[\]=548](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=gestaoenegocios&page=article&op=viewFile&path[]=644&path[]=548)>. Acesso em: 15 maio 2017.

KEMP, Kênia. **Homem e Sociedade**. São Paulo: Editora Sol, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOBO, Luísa. Literatura de autoria feminina na América Latina. **Rev. Mulher e Literatura**, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://www.br.inter.net/nielm/revista.htm>> Acesso em: 09 abr. 2015.

MACHADO, Ana Lucia. **Interpretação e Produção de Textos**. São Paulo: Editora Sol. 2011.

MELO, C. A. **Teoria literária**. São Paulo: Editora Sol, 2011.

OLIVIERI, Antônio Carlos. **Mulheres: Uma longa história pela conquista de direitos iguais**. 2007. Disponível em:< <http://vestibular.uol.com.br/resumo-dasdisciplinas/atualidades/mulheres-uma-longa-historia-pela-conquista-de-direitosiguais.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2017

PRIORE, Mary Del (org.) **História das Mulheres do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1997

QUADROS, Dênis Moura de. **Maria Firmina dos Reis e suas contribuições para a escrita feminina negra**. 2014. 12 p. artigo (Mestrando em História da Literatura) - Universidade Federal do Rio Grande, UFRG, Rio Grande do Sul, 2014. Rocha (2009)

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado**. Belo Horizonte: Ed. Leitura. 2009.

RODRIGUES, Talita Annunciato. **Identidades em Movimento: a representação feminina e as relações de gênero na obra de Ângela Carter**. 2015. 188 f. Tese de Doutorado (Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, ASSIS, 2015.

SALIK, Adriane Garcia. **Sonoridades Anímicas**: Curitiba 2010. Disponível em: <[http://www.symbolon.com.br/monografias/\[16\]_Revisados Sonoridades anímicas\[1\].pdf](http://www.symbolon.com.br/monografias/[16]_Revisados_Sonoridades_anímicas[1].pdf)> Acesso em: 18 Jun.2017

SILVA, Josefa Alexandrina da. **Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Sol, 2011.

SOUZA, Kuri Ainda, **A Personagem Feminina na Literatura Brasileira**. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000027/000027C9.pdf>> Acesso em: 01 fev. 2017.

TADEI, E. O. **Análise Literária**. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 2010.

TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. Letras e silêncio: a escrita de autoria feminina no Paraná. **Acta Scientiarum. Language and Culture, Maringa**, v. 35, n. 1, p. 55-62, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.uem.br/acta>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. **A Trajetória do Feminismo na Literatura de Autoria Feminina Brasileira: respaços e conquistas**. IV SIES, Maringa, p. 1-11, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/593.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. **Revista Mulheres e Literatura**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 1-4, jan. 1999. Disponível em: <<http://litcult.net/narrativadeautoriafemininanaliteraturabrasileiraasmarcasdatrajectoria/>>. Acesso em: 07 mar. 2017.